

---

## Covid-19: o vírus e suas variantes semióticas\*

Denis Bertrand\*\*

Ivan Darrault-Harris\*\*\*

Tradução de Gabriela Santos Silva\*\*\*\* e Mariana Luz Pessoa de Barros\*\*\*\*\*

---

**Resumo:** A reflexão aqui proposta parte das perturbações causadas pela pandemia de Covid-19 e procura entender se ela produz um “mundo” paradigmaticamente distinto. Assim, são estudadas a flutuação do gênero, a disseminação do Destinator, a proliferação de variantes de antissujeitos. São, porém, a crise da verdade e o desaparecimento das certezas que, acima de tudo, marcam o possível surgimento de uma subcultura alternativa àquela que precedeu o início da pandemia. Mais precisamente, são examinadas a transformação radical das relações proxêmicas ou, ainda, as modificações, devido ao uso da máscara, na qualidade fática das interações. No entanto, apesar das recategorizações impostas, essa pandemia poderia provocar a ressurreição da Humanidade, unidade actancial coletiva engajada unissonamente, dentro de uma nova cultura e de uma nova narrativa, na luta contra um inimigo muito mais perigoso que ameaça o mundo, a mudança climática.

**Palavras-Chave:** cultura; Covid-19; narratividade; etossemiótica.

---

---

\* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.188929> .

Uma primeira versão deste estudo, aqui profundamente retrabalhado, foi publicada em francês no dossiê organizado por Marzieh Athari Nikazm, « Covid-19. Mot, discours, situation, comportement » [“Covid-19. Palavra, discurso, situação, comportamento”]. *Language Related Research*, vol. 11, n. 5, p. 327-347. Teheran: Tarbiat Modares University, novembro-dezembro 2020. E-ISSN: 2383-0816. Disponível em: <https://lrr.modares.ac.ir> .

\*\* Professor emérito da Université Paris 8 – Vincennes-Saint-Denis, França. E-mail: [denis.bertrandcotar@gmail.com](mailto:denis.bertrandcotar@gmail.com) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4013-4295> .

\*\*\* Professor emérito da Université de Limoges, França. E-mail: [darrault-harris.ivan@orange.fr](mailto:darrault-harris.ivan@orange.fr) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1780-8404> .

\*\*\*\* Mestre em Literatura francesa, geral e comparada pela Université de Strasbourg, França. E-mail: [gabrielasantoselva@gmail.com](mailto:gabrielasantoselva@gmail.com) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3277-1443> .

\*\*\*\*\* Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), SP. E-mail: [maluzpessoa@gmail.com](mailto:maluzpessoa@gmail.com) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1662-2125> .

## Introdução

**E**m meio à enorme proliferação de discursos gerados pela pandemia de Covid-19, uma das temáticas mais fascinantes é, sem dúvida, a que trata do “mundo de depois”. A convicção de que “um mundo novo surgirá” dominou o cenário midiático, afeito a previsões. Esperava-se que a grande crise planetária, como uma guerra mundial, fosse marcada por uma ruptura cultural profunda; e que essa ruptura fosse, simultaneamente, de ordem prática, cognitiva, estética e ética; que se traduzisse por uma tomada de consciência espontânea em relação às ameaças ecológicas das quais o Covid-19<sup>1</sup> é apenas um sinal de alerta, por comportamentos novos de consumidores e viajantes, por uma relação inédita com os espaços terrestres e marítimos, por uma renovação na cooperação interespecies, por uma reorientação geral das condições de vida, enfim, por um “reencantamento” do mundo, como sugere Jean Viard (2021). Esse *motivo* de uma tragédia criativa parece ser amplamente compartilhado em meio às ciências humanas e sociais. Desse modo, Bruno Latour (2021), ao considerar que o confinamento é literalmente revelador desse “mundo de depois”, assume a hipótese de que, “quando sairmos, não estaremos mais no mesmo mundo”<sup>2</sup>. Uma mudança de paradigma está sendo proclamada de todos os lados.

Não nos cabe, enquanto semioticistas, julgar a validade de tais posições defendidas de formas diversas. Porém, independentemente de nossas próprias convicções, que poderiam ratificar a esperança em tal mudança, é útil questionar-se sobre os desafios e os riscos da prospectividade à luz do peso cultural. O confinamento altera os hábitos sociais mais arraigados. Entretanto, o desconfinamento, vivido como um evento libertador, não impulsionaria os coletivos a retomar suas formas habituais e comprovadas de bem-estar – os terraços dos cafés na França, por exemplo – mais do que a dar o grande salto paradigmático? Sabemos que os textos inseridos de forma muito imediata na atualidade emocional de uma crise podem rapidamente parecer anedóticos e obsoletos. Quais modalidades do recuo analítico permitirão assegurar a durabilidade das análises?

As propostas do texto de orientação deste volume sobre a semiótica da cultura (Estay Stange; Barros 2020) garantem-nos um bom distanciamento, e gostaríamos de situar nossa proposição nas duas perspectivas seguintes que ele sugere: o sintagma “semiótica e cultura” certamente nos convida a questionar os pressupostos epistemológicos e a definição da palavra “cultura”, mas ele sugere também a reflexão acerca do “modo como a semiótica”, enquanto teoria e método de apreensão do sentido, “pode dar conta desta ou daquela [...] microcultura, ou

---

<sup>1</sup> [Nota das tradutoras] Os autores optam por utilizar “o” Covid, o que será discutido no tópico que trata da questão da flutuação do gênero.

<sup>2</sup> “*quand on sortira, on ne sera plus dans le même monde*”.

subcultura”, confrontando “suas ferramentas conceituais com os objetos e fenômenos culturais contemporâneos”, em sua espessura banal de produção em massa. No entanto, mais precisamente, esse mesmo texto, algumas linhas mais à frente, interroga-se sobre a “justa distância do semiótico em relação aos objetos que, longe de serem ‘neutros’ a seus próprios olhos, forçam-no a uma tomada de posição”. Esse é o questionamento que norteia aqui nossa abordagem relativa ao mundo de depois do Covid: quais são as condições dessa “justa distância”? E como elas garantem a hipótese prospectiva relativa às transformações do “mundo de depois”?

Para conduzir esta investigação sobre a subcultura Covid, trataremos de alguns traços linguísticos, semânticos, discursivos, narrativos e, finalmente, comportamentais. A questão é saber se os abalos categoriais, observáveis em diferentes níveis da análise semiótica, são também abalos estruturais que implicam transformações, chegando até a mudança de paradigma. O estruturalismo semiótico fundamenta-se, como sabemos, sobre a relação dinâmica fundadora dos processos significantes, em oposição a uma suposta inerência ontológica do signo. Ele permite reconhecer, já de partida, o caráter mutável e transformável da significação em ato e em situação (isso começa com a labilidade dos sememas, esses objetos imateriais passíveis de descrição, depois se estende aos textos e aos comportamentos): abordagem que possibilita tomar esses abalos estruturais como resultado das alterações da própria ação. Nesse sentido, o estruturalismo semiótico é uma praxeologia cultural. É isso que mostram as modulações da semiose social – simultaneamente verbal e comportamental – na era do Covid-19.

## 1. Semiologia da pandemia

Como qualquer evento importante e de longa duração que afeta as comunidades humanas, a pandemia de coronavírus não pode deixar de ecoar sobre a própria língua e afetá-la direta ou indiretamente. Isso ocorre por conta tanto do surgimento súbito de novos termos, que todos devem assimilar rapidamente, quanto dos efeitos de sentido inéditos, formas de racionalidade inesperadas ou mudanças de atitude induzidos pelas lexicalizações.

A semiótica nos ensinou a considerar a palavra como uma condensação significativa fixada pelo uso. À maneira dos comprimidos efervescentes mergulhados na água, essas significações se difundem nos diferentes contextos de seu emprego, desenvolvendo-se em configurações narrativas, passionais e figurativas bastante diversas, sempre susceptíveis a entrar em novas composições para trazer à tona uma inovação semântica, cuja análise pode buscar compreender. Ademais, para além dos contextos discursivos nos quais as palavras estão imersas, as situações concretas em que circulam são igualmente

modificadas por elas. As palavras influenciam os comportamentos e determinam reajustes de atitudes relacionais. É por isso que propomos aqui algumas reflexões em dois tempos: primeiro de ordem semiolinguística, centradas nas palavras e nos discursos, e depois de ordem etossemiótica, centradas nos comportamentos que induzem.

### 1.1 Flutuação no gênero

Em primeiro lugar, consideremos a enunciação. Deve-se dizer *le* [o] ou *la* [a] *Covid-19*?<sup>3</sup> Existe uma hesitação em relação ao gênero. Na rádio, na televisão e em outras mídias, pode-se ouvir as duas formas alternadamente, às vezes num mesmo canal, às vezes num mesmo programa, às vezes na boca de um mesmo locutor. O assunto é posto em discussão, ninguém vence, e as duas formas coexistem. A Academia Francesa pode até ter decidido em 12 de maio de 2020 – Covid, como a maioria dos nomes de doença, será feminino! Na realidade, isso não mudou nada, Covid permanece transgênero: ora menino, ora menina<sup>4</sup>.

Esse gênero flutuante poderia ser compreendido como o sinal de uma fraca apropriação pela práxis enunciativa. No entanto, a bivalência mantém-se ao longo do tempo e até mesmo se consolida. Sabemos, porém, que, depois que o gênero gramatical foi reduzido na França ao gênero sexual – efeito indireto do desenvolvimento da “teoria de gênero” –, os nomes da língua estão sob vigilância. E os pronomes também: pensemos no debate sobre a escrita e a linguagem inclusivas – justificado pelo ponto de vista da história da língua francesa e das relações de dominação sexual (Bertrand, 2021).

Os retóricos dos dois lados apontam, cada um em seu campo, razões que, ancoradas na história cultural, aparecem como uma confrontação de racionalidades. A favor do feminino, há a declinação da sigla anglófona “COVID” e de sua última letra “D = Disease: *la maladie*” [“a doença”]. Portanto, a partir da tradução dessa denominação e para ser consistente com o nome traduzido, o gênero deve logicamente também ficar no feminino (dizemos “*la*” CIA [a CIA], a partir da tradução francesa do inglês “agency”, segundo a regra que postula que, para um acrônimo, é “o gênero da palavra principal que conta”<sup>5</sup>). Aliás, a maior parte dos nomes de doenças infecciosas em francês são femininos: *la méningite*, *la diphtérie*, *la varicelle*, *la lèpre*, *la peste* etc. [a meningite, a difteria, a varicela, a lepra, a peste]. Foi a recção do termo genérico – *maladie* [doença] – que levou a

<sup>3</sup> [Nota das tradutoras] Ainda que reconheçamos que há muitas semelhanças em relação ao que vem ocorrendo no Brasil, quando a marcação de gênero em língua francesa estiver em discussão, manteremos o uso do francês, seguido de tradução.

<sup>4</sup> Menino na boca das meninas, menina na boca dos meninos? O apresentador e a apresentadora de um jornal matinal de grande audiência numa grande rádio nacional francesa ilustram o quiasma de modo regular (cf. *France Inter*, “Le 7/9”, 18 de janeiro de 2021) [*Garçon dans la bouche des filles, fille dans la bouche des garçons ? Le présentateur et la présentatrice d'un journal du matin, à grande écoute, sur une grande radio nationale française illustrent le chiasme, de manière régulière*].

<sup>5</sup> Comunicado AFP [Dépêche AFP] (Agence France Presse) de 12 de maio de 2020.

esse contágio feminino? Porém, há também algumas doenças no masculino, e não menos importantes: *le paludisme*, *le choléra*, *le cancer*, *le SIDA* [o paludismo, a cólera, o câncer, a AIDS]<sup>6</sup>. Essa alternância, cujas razões deveriam ser trazidas à luz pela semântica histórica, deixa, de qualquer forma, abertas as portas da discussão. E os argumentos, do outro lado, não faltam.

A sombra de Eva, a mulher pecadora, pairaria sobre as atribuições de gênero das palavras? Vejamos, então, o caso de *la vache* [a vaca]. Quando ela se transforma em carne, torna-se uma palavra masculina: é *le boeuf* [carne de vaca; carne bovina]<sup>7</sup>. E se, na verdade, o comemos, na maioria das vezes, sob o nome de *la vache*, pedimos invariavelmente um “*steak de boeuf*” [um bife de carne bovina], selado, mal passado ou ao ponto. O masculino vem, de certa forma, enobrecer *la vache* ao colocá-la no prato. Porém, quando essa mesma carne sofre de uma patologia viral, potencialmente contagiosa, é então o feminino que retoma o seu lugar: denominamos “*vache folle*” [vaca louca] (“\**le boeuf fou*” [a carne louca] pareceria incoerente para os falantes da língua francesa). Como o vírus, entretanto, não conhece a barreira dos sexos, os bois como as vacas foram vítimas dessa doença. Contudo, como vemos, é no geral o masculino que carrega a valência do bom, do conhecido e do categorizado; e o feminino, a do mal, do desconhecido, do confuso. Existe aí somente uma coincidência? Podemos ler nisso um traço de alguma representação mítica? Dizer “*le Covid*” [o Covid] teria, portanto, algo de reparador, um ato de justiça em suma.

De qualquer forma, o fato está aí: vários meses depois da resolução do debate pela via acadêmica autorizada, o dilema persiste, a bivalência se mantém e a coexistência dos gêneros se consolida. Não há mais dúvidas: graças à flexibilidade semântica dos revestimentos lexicais, cada um-uma escolhe seu sexo. E se desejamos escapar disso, resta-nos o nome próprio “Covid nos alcançou...”.

## 1.2 Abalo da esfera actancial

Como vemos aqui, o que está em jogo nessa disputa em torno do gênero gramatical é algo, na realidade, de ordem narrativa: a actancialidade, com o seu dispositivo de papéis antagônicos, subjaz a essa disputa. Isso nos remete a uma das descobertas essenciais da semiótica: a presença de estruturas narrativas profundamente incorporadas à linguagem em ato em todas as suas formas de expressão (Greimas; Courtés, 1979). Desse modo, o narrativo não diz respeito apenas à narrativa e às suas variedades – àquilo de que a narratologia trata –, mas determina as condições de inteligibilidade das palavras, assim como dos

<sup>6</sup> No caso da AIDS, não ocorre uma equivalência de gênero entre o francês e o português e, no caso da cólera, há certa oscilação de gênero em português, ainda que o uso dominante atual seja “a” cólera.

<sup>7</sup> [Nota das tradutoras] Em francês, o termo que designa “carne bovina” é masculino: “le boeuf”.

discursos, mesmo os mais abstratos, das imagens, mesmo as menos figurativas, ou dos gestos, mesmo os mais elípticos. No interior do menor enunciado, sua compreensão consiste em preencher as potencialidades narrativas que ele encerra. A estruturação narrativa assegura, portanto, a mediação praxeológica do sentido em ato: o sentido, necessariamente, é relatado. Compreendemos que, através de seu intermediário, não há solução de continuidade entre o formalismo da estrutura e o substrato ativo e interativo do sentido. Assim, a semiótica se define, antes de mais nada, como uma teoria da cultura.

A efervescência discursiva do Covid é, então, primeiramente de ordem narrativa. Em sua transposição linguageira, é apreendido como actante. Entre as figuras actanciais disponíveis, o Covid aparece como o protótipo do antissujeito. Encarnação perfeita e absoluta do mal, não há nada de bom que se aproveite. Um único e exclusivo programa narrativo o motiva: a propagação. E um único contraprograma está disponível para o sujeito ameaçado: a luta, com sua arma letal, a vacina. Assumindo essa radicalidade conflituosa elementar, o governo francês desenvolveu um site destinado a circunscrever o espaço dessa luta e a instaurar o actante coletivo, único capaz de neutralizar o inimigo: “*Tous Anti-Covid*” [Todos Anti-Covid].

No entanto, de maneira mais paradoxal, um traço notável do Covid é o fato de transformar profundamente a paisagem narrativa. Se fixamos como antissujeito o próprio “Covid-19”, e não o “coronavírus”, é porque é necessário considerar o contexto global da doença em ação em meio ao mundo social para mensurar seu impacto sobre o universo das significações. Observamos, então, que uma de suas principais ações é minar as categorias. Além do gênero, o “Covid-19” ataca diversas categorizações essenciais, tópicos que ordenam nosso universo significativo cotidiano e sobre os quais fundamos nossa confiança no mundo: ele os altera, os transforma, os inverte. Como o campo desses ataques categóricos é bastante vasto, evocaremos aqui apenas três exemplos.

### 1.2.1 Covid transforma o positivo em negativo

Como vimos, Bruno Latour engajou-se profundamente, desde o primeiro confinamento, numa reflexão sobre o “mundo de depois”. Em relação ao seu último ensaio, *Où suis-je?* (2021a), ele explicava sua intenção dizendo: “Eu pensei que seria necessário tentar fazer algo positivo a partir do negativo”<sup>8</sup> (Latour, 2021b, p. 35). Atribuía, assim, dentro de uma estrutura axiológica tradicional, os valores do bem ao positivo e aqueles do mal ao negativo. O paradoxo, no entanto, ocorre em função do fato de que, com o Covid, o positivo é agora negativo quando se é testado e se reage ao vírus, e o negativo é o positivo! O fato de identificar o negativo ao bem e o positivo ao mal é, sem dúvida, uma realidade

---

<sup>8</sup> “*J’ai pensé qu’il fallait essayer de faire du positif avec du négatif*”.

comum no contexto da prática médica. Porém a influência sobre o imaginário do sentido, ligada à extensão universal da doença e à prática dos testes num número cada vez mais elevado de pessoas, pode, em última instância, afetar a valência das palavras aos olhos dos falantes da língua francesa: ser positivo poderia então ser, de forma mais geral, associado ao mal. Certamente, não chegamos a esse ponto ainda, mas podemos considerar essa bivalência contraditória do termo “positivo” como um prenúncio: uma marca da crise do sentido que atesta o império crescente do Covid.

### 1.2.2 O Destinator disseminado

Segundo exemplo, a figura do Destinator. Os atributos dessa figura, peça principal de toda ordem narrativa, do contrato que a inaugura à sanção que a finaliza, são perturbados. Na verdade, ela não desapareceu – mesmo que, a princípio, os detentores do poder que a incarnam pareçam, nessas circunstâncias, muitas vezes desamparados. Ela parece, ao contrário, ter se metamorfoseado e se multiplicado. Reaparece, cintilando de modo fraco, sob múltiplas formas, através de diferentes registros narrativos, mais ou menos segura de si mesma, um pouco flutuante – como todo o resto.

O traço mais marcante dessa transformação é o advento daquilo que se poderia denominar reinado do auto-Destinator. Cada cidadão é, assim, convidado a imprimir em sua própria casa uma “*Attestation de déplacement dérogatoire*” [“Atestado de deslocamento derogatório”], bastante oficial, modulável de acordo com as condições de confinamento e as situações pessoais. O formulário deve ser preenchido a cada saída, deve ser datado e assinado. Em tempos normais, tal documento deveria ser validado e carimbado por uma autoridade instituída, Prefeitura ou Delegacia, para garantir sua autenticidade. Aqui, nada disso, é aquele que assina que o valida. É ele que se autoriza a sair. Ele é o seu próprio Destinator.

Essa nova lógica apresenta-se diferentemente de acordo com as situações, mas seu princípio permanece o mesmo. Dessa forma, os viajantes, por exemplo, que chegam à França vindos de um país que não pertence à Comunidade Europeia devem preencher no aeroporto um “*Engagement sur l’honneur à se soumettre aux règles relatives à l’entrée sur le territoire métropolitain*” [“Compromisso de honra para cumprir as regras relativas à entrada em território metropolitano”]. Aquele que o assina declara três vezes sob “compromisso de honra” estar livre de sintomas – não tossir, não sentir falta de ar etc. –, declara “não ter conhecimento de ter tido contato com um caso confirmado de Covid-19”, e se compromete, por sua “honra”, a “se isolar durante sete dias” e a “se

submeter a um teste de rastreio virológico ao final desse período”<sup>9</sup>. Os passageiros preenchem seus formulários com um cuidado meticuloso e alguns deles, como alunos inseguros, dão uma espiada na cópia da pessoa ao lado. Porém, ao apresentar sua folha bem preenchida no controle, juntamente do passaporte, o viajante escuta o policial lhe dizer: “Esse é para você, você fica com ele...”, e ninguém virá jamais conferir o precioso documento. Ele é seu próprio Destinador.

Essa autoautorização é fundada sobre um valor que se imaginava estar culturalmente adormecido, ou até mesmo abolido do campo social atual, ausente em todo caso dos universos administrativos regidos pela suspeita, e que se encontra, nesse novo contexto, estranhamente reativado: o senso de honra, definido pelo compromisso em relação à palavra dada, ou seja, esse “sentimento que estimula a obter ou a preservar a estima dos outros e de si mesmo”<sup>10</sup> (Petit Robert, 2007), que implica, assim, confiança (no outro) e lealdade (em si mesmo). Nessa transferência cultural inédita, que concretiza uma ética da responsabilidade, as autoridades instituídas abandonam, proporcionalmente, seu status de Destinador. E elas não hesitam em expressar seu medo frente às implicações de tal transferência. O presidente da República francesa, Emmanuel Macron, alarma-se, nesse sentido, em 21 de janeiro de 2021: “Nós nos tornamos uma nação de 66 milhões de procuradores”!<sup>11</sup>

### 1.2.3 Variantes e invariantes: a proliferação actancial do antissujeito

Se a proliferação actancial é um dos traços mais impressionantes da mutação narrativa atual, ela não diz respeito somente ao Destinador que se dissemina. Ela afeta o próprio Covid. Ao se multiplicar, ele torna sua identidade cada vez mais inapreensível. O aparecimento “*des variantes*”<sup>12</sup> [das variantes] faz dele um inimigo furtivo. O masculino, unanimemente adotado aqui, é portador de significações que, para além do status científico do termo “variante” na Biologia, equipam o Covid com um verdadeiro armamento conotativo: enquanto a “variante” clássica mantém uma hierarquia entre o elemento-fonte, referência que permanece central, e o elemento que dele emana, local, particular e secundário (cf. a “variante livre” em fonologia), “*le variant*” apresenta-se como um ser completo, autônomo e dotado de propriedades intrínsecas, mais temível eventualmente do que aquele que lhe deu origem: “*le variant*” torna-se sinônimo de “mutante”.

<sup>9</sup> “ne pas avoir connaissance d’avoir été en contact avec un cas confirmé de covid-19”; “s’isoler durant sept jours”; “se soumettre à un test de dépistage virologique au terme de cette période”.

<sup>10</sup> “sentiment qui pousse à obtenir ou à préserver l’estime des autres et de soi-même”.

<sup>11</sup> “Nous sommes devenus une nation de 66 millions de procureurs”.

<sup>12</sup> [Nota das tradutoras]: Em francês, “variant”, equivalente a uma variante originada por mutação, é uma palavra masculina.

“Variante britânica”<sup>13</sup>, “variante japonesa”, “variante sul-africana”, “variante Alpha” (Inglaterra), “variante Delta” (Índia)... A localização geográfica da primeira aparição também é um fator levado em consideração. Ela joga um jogo duplo ameaçador. Por um lado, é portadora de uma hostilidade geopolítica, levando à possível estigmatização do país de origem a partir do enviesamento cognitivo, que, sorrateiramente, desloca o lugar de aparecimento para a causa, e a causa para a responsabilidade. Por outro lado, instaura um potencial indeterminado de surgimentos de “variantes”, cada vez dotadas de uma identidade biológica e cultural própria, mas cuja singularidade manifestada pelo nome indica sobretudo o alucinante potencial de multiplicação.

E o Covid-19, à frente dessa tropa infinita, não é mais apenas o antissujeito da nossa narrativa. Ele se torna verdadeiramente o anti-Destinador, liderando, nas sombras, um exército de malfeitores capazes de se reinventar à vontade. Assim, uma manchete na primeira página do *France Info*, repleta de ameaças, é exibida em 18 de janeiro de 2021: “As variantes do vírus afetam o mundo inteiro”<sup>14</sup>.

### 1.3 A crise veridictória

A impressionante instabilidade actancial, da qual acabamos de assinalar algumas características, apoia-se mais profundamente nos conteúdos modais que determinam o status narrativo dos operadores actanciais. Assim, essa relatividade narrativa, dada em função do Covid, encontra sua origem numa crise cognitiva de larga escala que se manifesta por meio das transgressões *veridictórias*.

Foi Greimas que introduziu e articulou o conceito modal de “veridicção” (cf. Greimas; Courtés, 1979, 417-419). Assentada sobre a base formal da categoria /imanência/ vs. /manifestação/, a veridicção coloca em jogo as relações entre “ser” (lado da imanência) e “parecer” (lado da manifestação). Sua combinação positiva e negativa gera diferentes posições em relação ao que é dito acerca da verdade (ser + parecer) e determina seu entorno, do segredo (ser + não parecer) à mentira e da ilusão (parecer + não ser) à falsidade (não parecer + não ser). Podemos considerar o descortinamento da veridicção como uma descoberta

<sup>13</sup> A variante também é um actante narrativo, sujeito a vários regimes de denominação. Pode-se ler a narrativa de sua emergência, revelando-se o processo sintático de sua nomeação técnica: “Observada pela primeira vez em setembro de 2020 na região de Kent, no sudeste da Inglaterra, a variante VoC 202012/01 (*Variant of Concern, year 2020, month 12, variant 01*) do coronavírus está provavelmente na origem de um surto de casos no Reino Unido e, mais recentemente, na Irlanda, devido a um aumento da transmissibilidade” [“*Observé pour la première fois en septembre 2020 dans la région du Kent, dans le sud-est de l’Angleterre, le variant VoC 202012/01 (Variant of Concern, year 2020, month 12, variant 01) du coronavirus est probablement à l’origine d’une flambée de cas au Royaume-Uni et plus récemment en Irlande, en raison d’une contagion accrue*”], G. Dagorn, “Variante do Covid-19: por que um vírus muito contagioso é mais perigoso que um vírus muito letal” [“*Variant du Covid-19: pourquoi un virus très contagieux est plus dangereux qu’un virus très létal*”], *Le Monde*, 16 de janeiro de 2021 (online).

<sup>14</sup> “*Les variants du virus touchent le monde entier*”.

central no campo de uma semiótica da cultura. Na verdade, enquanto a tradição lógico-filosófica (a das lógicas modais, por exemplo) dá prioridade – legítima em um horizonte formal – à relação /verdadeiro vs. não-verdadeiro/, base de todos os cálculos, a veridicção introduz essa “verdade” no seio das outras possibilidades veridictórias (segredo, mentira, falsidade), entre as quais ela é – e podemos lamentar isso – apenas uma das variáveis socioculturais presentes na vertiginosa e fascinante cacofonia dos discursos.

Quando Greimas criou o pequeno quadrado veridictório, talvez não tenha suspeitado que o quadrado trazia para a semiótica uma espécie de tabela de Mendeleev: uma classificação fundada sobre um princípio simples, que apresentava combinações geradoras de posições veridictórias, ao mesmo tempo unidas logicamente e susceptíveis de subdivisões, e que permitia, sobretudo, a localização das posições ainda aparentemente vacantes, mas previsíveis e à espera de identificação. Foi o que ocorreu com a *falsidade*. Como compreender o sentido daquilo *que não é* e que *não parece* – a condição definidora dessa posição? Não seria simplesmente “absolutamente nada”? Uma expressão, pronunciada por uma representante de Donald Trump, veio, no início do seu mandato, preencher esse vazio: o “fato alternativo”. Lembremo-nos das circunstâncias: ao se deparar com a fotografia da grande esplanada de Washington no momento da investidura de seu mentor, nitidamente menos povoada que quando foi a de Barack Obama, uma vez que ela sustentava obstinadamente a ideia oposta, pronunciou, imperturbável, estas palavras mágicas: “é um fato alternativo”. Ela justificou, de uma vez, a validade da posição veridictória da falsidade, pressentida e prevista pelo quadrado: não parecer + não ser, com certeza, mas, no entanto, tomado como crível e fortemente assumido. O espaço veridictório do *fake*, do conspiracionismo e de outras pós-verdades entrou inteiramente no jogo modal da veridicção, sustentando-se na crença reivindicada e compartilhada, independentemente do testemunho e da percepção. Ele desenvolveu, como vimos e como constatamos todos os dias nas redes sociais, as oscilações generalizadas do crer, entre incredulidade e crença, ceticismo, convicção e fanatismo. Impôs sua temível eficácia.

O episódio do Covid nos faz passar por esta experiência cruel: a de que a “verdade” tenha desaparecido em mil e uma facetas caleidoscópicas da veridicção e que seja apenas uma das variáveis socioculturais entre as outras e no mesmo nível delas. Todos os motivos (no sentido etnossemiótico do termo) que marcaram o período – as máscaras, os testes, o episódio de Raoult e a hidroxicloroquina, as vacinas, as variantes – foram palco de variações veridictórias inéditas, amplificadas pela câmara de eco midiática e que permitiram à dúvida reinar soberana no espaço sociopolítico. Como afirma Bernard Rentier, virologista e imunologista (26 de julho de 2020): “Um vocabulário impreciso, muitas vezes por causa de uma tradução por aproximação, pode ter

consequências importantes nas decisões que concernem a todos nós”<sup>15</sup>. Ademais, Gianfranco Marrone afirma: “A indeterminação cognitiva gera explosões passionais em cadeia”<sup>16</sup> (Marrone, 2020, f2). Bruno Latour (2019), por sua vez, constata essa multiplicação de regimes veridictórios, que denomina “modos de verdade”: “O que tornou o meu projeto problemático para muitos é, sobretudo, que eu sempre quis articular diversos modos de verdade. A verdade religiosa, mas também a verdade científica ou a verdade política. Tentei renovar a sociologia para torná-la capaz de lidar com essa realidade: uma sociedade é feita de todos esses modos de existência, é necessário, portanto, articular as diversas formas de verdade”<sup>17</sup>.

Sem dúvida, mas, para nós, a lição do Covid diz respeito mais amplamente a todo o espectro veridictório do discurso, colocando essas “formas da verdade” no mesmo nível de relativização que suas demais facetas manipulatórias e persuasivas: a do segredo e do mistério, do ilusionismo e da mentira, do “like” e da falsidade. É por isso que, em nossa opinião, essa noção central de *veridicção* deveria ser ensinada aos alunos desde o início do ensino fundamental II, para que eles percebessem a fragilidade cultural intrínseca da verdade e estivessem preparados para defendê-la.

Independentemente disso, o Covid-19, verdadeiro motor das mudanças em nossas vidas, é também, e simultaneamente, motor da transformação na língua. De forma duradoura? Isso é difícil afirmar. Porém o que se pode constatar é que essa travessia da linguagem, dos sons às palavras e das palavras aos discursos, abre-se para o próprio agir em comum, que ela afeta.

## 2. Etossemiótica do Covid

Todos foram testemunhas, pois a midiaticização do fenômeno foi permanente: a pandemia planetária transtornou profundamente os comportamentos humanos e as interações que, no interior das práticas culturais, carregam a definição primária daquilo que se denomina “cultura”. A etossemiótica – semiótica, justamente, do comportamento – será aqui mobilizada. Ivan Darrault-Harris propôs a criação desse ramo da disciplina já no início dos anos 1990, ampliando o projeto muito limitado de uma psicosemiótica (1980). Essa etossemiótica pretende focar na complexidade de superfície do comportamento, que entrelaça significantes heterogêneos: expressões faciais, gestualidade, posturas, deslocamentos, sem esquecer o plano da expressão da linguagem

15 “Un vocabulaire approximatif, souvent dû à une traduction approximative, peut avoir des conséquences majeures sur des décisions qui nous concernent tous”.

16 “L’indétermination cognitive génère des explosions passionnelles en chaîne”.

17 “Ce qui a rendu mon projet problématique pour beaucoup, c’est surtout que j’ai toujours voulu articuler plusieurs modes de vérité. La vérité religieuse, mais aussi la vérité scientifique ou la vérité politique. J’ai essayé de renouveler la sociologie pour la rendre capable d’encaisser cette réalité : une société est faite de tous ces modes d’existence, il faut donc articuler diverses formes de vérité”.

verbal, cujos componentes infraverbais (prosódia, vocalidade) são tão significativos.

A originalidade está, entretanto, na decisão de não se prender à descrição, que se torna rapidamente interminável, do significante superficial, procurando o nível profundo de geração e de regulação da produção de sentido comportamental, que é exatamente, como lembramos acima, o das estruturas narrativas.

Nosso comportamento é, portanto, uma narrativa, majoritariamente não verbal, e apresentamos a hipótese de que a pandemia está subvertendo, justamente, nossa competência de geração narrativa.

## 2.1 Proxêmica e “distanciamento social”

Se examinamos as prescrições comportamentais das instituições políticas e sanitárias que se seguiram à perigosa difusão do vírus, encontramos, como recomendação dominante a ser observada, respeitar o “distanciamento social”, o que está no topo do paradigma de medidas de prevenção, “uma das medidas mais eficazes para limitar a propagação do vírus”<sup>18</sup>, diz o Primeiro Ministro francês.

O termo “distanciamento” foi introduzido pela primeira vez por Bertolt Brecht para caracterizar a oposição do seu teatro *épico* ao teatro *clássico*: ele fala de *Verfremdung*, em que reconhecemos o qualificativo *fremd* (estranho; estrangeiro). Para ele, tratava-se de provocar o afastamento do espectador em relação ao espetáculo teatral, de modo a impedir a identificação emocional, deixando-o inteiramente a uma distância crítica, ao retratar, na cena teatral, eventos e personagens *estrangeiros*. Numa época em que são fechados todos os lugares de proximidade social, bares, restaurantes, teatros, cinemas, lugares sagrados, o que resta do distanciamento brechtiano no distanciamento social?

Notamos ainda que o lexema “distanciamento” proposto pelos cientistas tem sido objeto de uma crítica estética (do Primeiro Ministro francês: “não tão bonito em francês”<sup>19</sup>). Expressão “bastante infeliz”<sup>20</sup>, declara a Academia Francesa. Poderíamos acrescentar que a expressão foi utilizada pela sociologia francesa para caracterizar os fenômenos de segregação social, uso bem inapropriado, no contexto, para falar de uma medida de higiene. Isso porque se trata primordialmente de um distanciamento puramente físico, *espacial*. Aliás, muito recentemente, o distanciamento social se tornou “distanciamento físico” em comunicados oficiais.

<sup>18</sup> “l’une des mesures les plus efficaces pour limiter la propagation du virus”.

<sup>19</sup> “pas très joli en français”.

<sup>20</sup> “fort peu heureuse”.

Verifica-se, portanto, que a definição brechtiana teve seu conteúdo esvaziado e que, com o distanciamento, estamos diante de um novo semema. Porém veremos a seguir em nossa discussão que talvez ainda restem vestígios semânticos dela, e não são poucos.

Dito isso, chegamos, como é sabido, ao ponto de quantificar a medida exigida do distanciamento social, ou seja, ao menos um metro entre as pessoas. No entanto, se retomamos o fundador da *proxêmica*, semiótica das distâncias interpessoais, Edward Hall (*La dimension cachée*, 1966), observamos que, em nosso universo cultural (pois há notáveis variações de acordo com as culturas), existe uma escala de quatro distâncias fundamentais que regem nossa relação espacial com o outro: uma distância de grande proximidade, dita *íntima*, que inclui os contatos corporais (beijos, carícias, contatos sexuais); uma distância *pessoal*, por exemplo, a da conversa com um interlocutor, avaliada em cerca de 70/80 cm; uma distância *social* (2/3 m); e uma distância *pública*, sem, de fato, uma limitação para além da distância social. No que concerne à distância pessoal, a que é adaptada à conversa, Hall lança a hipótese de que as dificuldades presentes nas relações comerciais dos estadunidenses com os habitantes do Norte da África eram provenientes do fato destes se manterem bem perto de seus interlocutores e – que horror! – o hálito do outro é perceptível.

Jogamos, portanto, com as variações da escala proxêmica segundo a situação em estamos inseridos. Hall cita uma variação proxêmica nítida no momento do anúncio da eleição de John F. Kennedy: seus amigos, que se mantinham em uma distância pessoal ou até íntima em relação a Kennedy, afastam-se abruptamente, pois ele se tornara presidente. Ultrapassar, com um(a) desconhecido(a), o limiar da distância social ou até mesmo da distância pessoal para entrar na esfera da distância íntima constitui uma experiência ruim e podemos pensar em situações de distância forçada, como num vagão de metrô lotado. Nossas próprias observações mostram que, nesse caso, compensamos com um desvio do olhar e um reforço do tônus corporal (se há também contato físico corporal imposto com outras pessoas).

Vemos que o distanciamento social prescrito de um metro, como um gesto de barreira, anula a escala das três distâncias, reduzindo-a a uma única distância que exclui a íntima e a pessoal. É a distância social (dessemantizada, porque a estrutura ternária desapareceu) que se impõe, evidentemente inadequada, em encontros com o outro. A um ou dois metros do Outro, ocorre inevitavelmente uma importante perda de compartilhamento empático emocional, acentuada pelo uso da máscara. Reencontramos aqui um aspecto importante da definição brechtiana do distanciamento, dada precipitadamente como perda: o outro é “estrangeirizado”.

Finalmente, o que é questionado pela obrigação do distanciamento social é de fato a função dita *fática* (descoberta pelo etnólogo Malinowski, reintroduzida por Jakobson e valorizada por Benveniste), que rege o contato com o outro para iniciar e manter a comunicação não verbal ou verbal. Aproximar-se do outro é um gesto fático fundamental; o olhar e as onomatopeias (Ei! Psiu!) dão suporte, depois os contatos corporais, agora excluídos, sem esquecer os elementos verbais mais elaborados: “Com licença!”, “Por favor!”, “Garçom!” (nos cafés) etc.

Contudo as dificuldades, até mesmo o fracasso, do contato põem a comunicação, sua qualidade e mesmo sua eficácia, em perigo. Todos puderam observar a substituição, por exemplo, do aperto de mãos, proibido, por outros gestos fáticos: contato dos cotovelos ou mesmo dos pés. Há certamente uma perda da comunicação do estado tônico-emocional do sujeito.

## 2.2 Do uso da máscara

Após muita hesitação (cf. acima, a crise veridictória), o uso da máscara, de um dos vários tipos de máscara, digamos, do tipo eficaz até o inútil, foi imposto na França em locais públicos fechados e até nas ruas movimentadas dos centros das cidades. Isso nos lembra, durante as epidemias de peste, daqueles cones deselegantes com que os médicos aumentavam seus rostos, cheios de alho e unguentos, para filtrar o ar respirado e eliminar os elementos mortais. Lembramos também que se fugia das cidades, espaços de concentração da epidemia, como se acreditava (*Decamerão*, de Boccaccio, mostra-nos que se fugiu de Florença; e *Morte em Veneza*, de Thomas Mann, da cidade dos Doges).

No entanto, não nos enganemos: se os parisienses fugiam da capital para ir à sua residência secundária na Normandia ou na ilha de Ré, isso ocorreu muito menos em função de uma fuga do vírus do que para se permitirem usufruir de condições mais confortáveis de confinamento.

Dito isso, uma diferença semiótica essencial afasta o uso da máscara nos tempos atuais do sentido que isso tinha no período das epidemias históricas que citamos ou durante guerras e catástrofes industriais. Isso porque o uso da máscara é tanto uma proteção do sujeito portador contra uma inalação contaminante quanto uma proteção dos outros contra uma expiração mortífera, contrariamente, por exemplo, à máscara de gás, proteção estritamente unilateral. Cada um é, ao mesmo tempo, vítima em potencial e possível carrasco: a inspiração é tão arriscada quanto a expiração que, como se diz, propele, por exemplo, no caso de um espirro, o vírus a até dois metros de distância, em aerossóis tóxicos. De um ponto de vista semiótico, temos aí um exemplo espetacular do sincretismo actancial: um actante passivo e submisso e um actante ativo, agindo agressivamente, são encontrados juntos em todo ator humano. E o que dizer do

vírus, alavancado ao status de anti-Destinador todo-poderoso, desde que um Destinador universalmente eficiente não venha contrariar seus programas de ação devastadores?

De maneira mais geral e do ponto de vista da semiótica da cultura que nos interessa aqui, seria útil questionar acerca do problema do *sincretismo actancial* e buscar aprender algo com ele. As formas desse sincretismo não são articuláveis em diversas variedades e talvez passíveis de serem inscritas numa tipologia? A qual sincretismo actancial remete a situação pandêmica? Esses sincretismos levam ou não a uma perda de legibilidade narrativa? Eles não revelam, ao contrário, o imperativo narrativo da distinção actancial? Não participam do embaralhamento narrativo cujas manifestações já observamos por meio da flutuação de gênero, do abalo da esfera actancial e da crise da veridicção? Eles não são, todos juntos, as manifestações diversas de apenas uma e mesma fenomenalidade?

Independentemente das questões teóricas, a narrativa complexa de nossas relações sociais é profundamente perturbada por esses sincretismos forçados, acostumados como estamos a uma clara distinção entre os actantes e os papéis: o bombeiro incendiário que nos tornamos é um exemplo típico de acúmulo insuportável. Isso ocorre pois, a cada instante, podemos ser, sem nos darmos conta e contra a nossa vontade, vítimas e carrascos, joguetes da manipulação viral. Um exemplo claro dessa complexidade inesperada está aqui: as disparidades entre gerações de vulnerabilidade relativa à contaminação, atestadas e analisadas pelos especialistas, complicam a interpretação dos papéis e agravam as coisas – os netos encantadores, considerados pouco vulneráveis, podem contaminar alegremente seus queridos avós!

Além disso, a máscara oculta toda a parte inferior do rosto, que compreende o nariz e, sobretudo, a boca e os lábios, o que impede os surdos de fazer a leitura labial. A máscara restringe fortemente os traços que permitem o reconhecimento facial, e todos nós temos que lidar com a experiência de fracasso em reconhecer pessoas que são, entretanto, familiares; sem deixar de mencionar o desperdício da expressão facial, limitada aos olhos, e a perturbação notável do fluxo oral, que não nos chega mais à distância habitual. Esqueça o sorriso, tanto o gentil quanto, ao contrário, aquele que impulsiona o enunciado em direção à ironia.

O comportamento de interação com o outro é, portanto, atingido por grandes limitações e modificações, levando frequentemente tanto a evasivas quanto a transgressões, como entre os jovens, tentados a organizar momentos festivos em que abdicuem de todas essas regras. Daí notarmos que a invisibilidade do vírus é, em si mesma, um elemento decisivo: ela está na origem de comportamentos de medo paranoico (o vírus está em toda parte e nossos

esforços são em vão) e também de negação pura e simples, até mesmo de desprezo pela realidade do perigo. O efeito veridictório da invisibilidade permite uma reconexão com a problemática preocupante da conspiração, uma vez que subsistem, como vimos acima, incertezas e opiniões contraditórias em relação a esse vírus: seu lugar de origem, os eventuais responsáveis por sua difusão, o real processo de contágio, suas consequências a médio e longo prazo, a confiabilidade dos testes, a relevância das vacinas e a duração da imunidade etc.

### 2.3 Rumo a uma renovação narrativa

Vacinar o mundo inteiro consiste, então, em tentar recolocar em cena uma narrativa global e universal, de âmbito transcultural, centrada num ator único para além de todas as diferenças: o ser humano. É a narrativa da busca, da posse e da manutenção do objeto de valor por excelência que é a *saúde*, ao dotar cada indivíduo de um Destinador interno, imunizando-o contra as investidas do Anti-Destinador viral.

Futuramente, esse dispositivo imunitário implantado deverá ser considerado como pertencente à espécie humana, consequência de uma verdadeira recriação do mundo humano. O efeito benéfico da ameaça planetária que constitui o coronavírus está, então, na reconstituição de um actante coletivo – a Humanidade –, que necessita de uma coordenação de estratégias e de ações em escala mundial. Sem esquecer as enormes implicações políticas, econômicas e financeiras de uma tal operação de vacinação.

Uma vez erradicado o Covid-19, poderemos esperar que esse actante coletivo se mobilize, “como um só homem”, para lutar finalmente de modo eficaz contra as mudanças climáticas, fato ainda mais inquietante para o futuro da espécie humana: a China, onde haveria sido iniciada a difusão do vírus, é o maior poluidor do planeta...

### Conclusão

Depuração da comunicação, simplificação de suas formas que são reduzidas a um mínimo narrativo, empobrecimento da narrativa social e, paralelamente, flutuação da língua, disseminação e fragilização do Destinador, crise da veridicção... Em que nível estrutural esses fenômenos semióticos observáveis penetram na dinâmica compartilhada do sentido? Podemos inferir, a partir daí, uma antecipação do “mundo de depois”? Dispomos aqui dos elementos decisivos e determinantes para uma mudança de paradigma?

No contexto da imensa crise atual, vimos que não apenas estamos frente a perturbações de todos os tipos, mas também que estamos sendo confrontados, ao menos é o que nos parece, com um questionamento imperativo de muitas

categorias que nos governam. Para os semioticistas, isso se analisa a partir de uma profunda e progressiva recategorização – do sensível, das relações, das concepções – enfim, de tudo que constitui nosso mundo, tudo o que dá a ele um sentido narrativo e sensível.

Além disso, em relação ao que se tornou um conceito semiótico essencial – “Covid-19” –, cada um deve gerir, de modo mais específico, a dimensão cognitiva do discurso, em sua globalidade conceitual, bem como na diversidade de seus domínios de exercício. Aqui, a veridicção é a pedra angular, à medida que suas diversas facetas (verdade, segredo, mentira, falsidade, com suas diversas e profundas variações) são postas em jogo nos discursos “covidianos”. A época pandêmica é a das surpreendentes oscilações da veridicção, constantemente renovadas como ondas na praia. Nada mais está garantido, em todos os lugares circulam versões da realidade e da crença – sem nem mesmo se darem ao trabalho de se confrontar. Não podemos nos apegar à menor certeza. Isso mereceria uma longa exploração, metódica e, se não exaustiva, pelo menos representativa dos discursos defendidos, assumidos, contrariados; entre os cientistas que chegaram ao auge e aqueles que foram destituídos, entre Estados descobridores de vacinas e aqueles que não o são (cf. Bertrand; Canque, 2021).

Seja qual for o campo do conhecimento em questão, esse fenômeno da crise de veridicção é o principal traço isotopante que os conecta: que se trate de uma questão de ciências biológicas, de máscaras, de testes, de medicamentos, de política de saúde, de imunidade, de vacinas, de posições políticas, tudo parece estar sujeito à mesma não-regra. E a verdade em si parece não ter mais direito de cidadania. Exceto uma: a morte.

Tal recategorização nos leva, pouco a pouco, a penetrar num novo mundo? Estamos envolvidos num processo inevitável? Os critérios que fundamentavam nossa percepção da vida cotidiana parecem ter sido modificados, alguns se alteram e desaparecem, outros são reforçados. Um equilíbrio sem precedentes e necessariamente paradoxal deveria surgir. É possível imaginar o “mundo de depois”? Se acreditássemos que poderíamos responder com confiança a esse anseio de antecipação, teríamos que assumir uma parada da história. Entretanto ela prossegue, novos parâmetros surgem a cada dia, os critérios atuais se tornam ultrapassados, e a narrativa vertiginosa, em suspensão sobre o futuro, inevitavelmente nos suga. “Cientificamente falando, a questão da previsibilidade é a do determinismo”, declarava Jean Petitot, em “Prédiction scientifique et prédiction sémiotique”<sup>21</sup> (Petitot, 1984, p. 10). Essa última, ao colocar em jogo a promessa e a vontade política, o contrato fiduciário e a expectativa, as paixões da antecipação – esperança e ansiedade – e a projeção ficcional, dá origem a muitas outras restrições – dentre as quais a de liberdade –, para além das

---

<sup>21</sup> “*Scientifiquement parlant, la question de la prédictibilité est celle du déterminisme*”.

determinações calculáveis que moldam a previsibilidade científica. O ethos político do sujeito coletivo é então o único fator decisivo. ●

---

## Referências

- BECK, Ulrich. *La Société du risque : Sur la voie d'une autre modernité* ["Risikogesellschaft"], Paris: Aubier, 2001.
- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.
- BERTRAND, Denis. *Précis de sémiotique littéraire*. Paris: Nathan, 2000.
- BERTRAND, Denis. Chemins sémiotiques, entre linguistique et anthropologie. *Abralin ao Vivo* [online], 12.07.2020.
- BERTRAND, Denis. Immanence et engagement. La sémiotique face à l'écriture inclusive. In: ALONSO, Juan; SCIULLO, F. (org.). *Sémiotique, implication, engagement*. Paris: L'Harmattan, "Sémioses" (no prelo).
- BERTRAND, Denis. Sémiotique et croisement disciplinaire: la croisade du concept. In: HELBO, André (org.) "Sémiotique et propédeutique. I", *Degrés*, p. 184-185. Bruxelas, primavera, 2021, p. 1-23.
- BERTRAND Denis; CANQUE, Bruno. Vaccin Covid-19. Aux racines de l'échec français, *Telos*, 11 mai 2021. Disponível em: <https://shar.es/aWm82r>
- BOCCACE, Giovanni. *Le Décaméron*. Trad. Marthe Dozon, Catherine Guimbard, Marc Scialom, sob a coordenação de Christian Bec. Paris: Le Livre de Poche, 1994.
- BRECHT, Bertolt. *Petit Organon pour le théâtre*. Paris: De l'Arche. (Fragmentos 34, 47 a 49, 58 a 62), 1948.
- DARRAULT-HARRIS, Ivan. *La sémiotique du comportement*. In: HÉNAULT, Anne (org.). *Questions de sémiotique*. Paris: PUF, "Premier Cycle", 2002. p. 389-425.
- DARRAULT-HARRIS, Ivan ; FONTANILLE, Jacques (dir.). *Les Âges de la vie. Sémiotique de la culture et du temps*. Paris: PUF, 2008.
- DARRAULT-HARRIS, Ivan. Sémiotique et sciences psychologiques. In : BIGLARI, Amir (dir.). *Sémiotique en interface*. Paris : Kimé, 2018. p. 141-182.
- DARRAULT-HARRIS, Ivan. Des actions de papier à celles de chair et d'os. De l'éthologie à la sémiotique du comportement. *Langages*, 213, 2019. p. 43-54.
- DARRAULT-HARRIS, Ivan. Vous avez dit "narrativité"? *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, vol. 10, 2020/1. p. 225-259.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1993 [1979].
- HALL, Edward. *La dimension cachée*. Paris: Seuil, 1971.
- JAKOBSON, Roman. *Essais de linguistique générale* (1 et 2). Paris: Minuit, 2003 [1963, 1973].

LANDOWSKI, Eric. Face à la pandémie. In: HELBO, André (org.). "Crise sanitaire et marqueurs sémiotiques. La variation", *Degrés*, 182-183, Bruxelles, e1-17, 2020.

LATOUR, Bruno. *Où suis-je ? Leçons du confinement à l'usage des terrestres*. Paris: Les empêcheurs de penser en rond, 2021a.

LATOUR, Bruno. Pour tout réinventer, il faut revenir sur terre. Entretien à *L'Obs*, n. 2933. 2021b.

LEONE, Massimo. Le masque et la muselière : variations de l'animalité en temps de pandémie. In: HELBO, André (org.). "Crise sanitaire et marqueurs sémiotiques. La variation", *Degrés*, 182-183, Bruxelles, i1-34, 2020.

MANN, Thomas. *Der Tod in Venedig. La Mort à Venise* (bilingue), Paris: Le Livre de poche 1965 [1<sup>e</sup> ed. 1912].

MARRONE, Gianfranco. Sémiotique et pandémie : journal intime. In: HELBO, André (org.). "Crise sanitaire et marqueurs sémiotiques. La variation", *Degrés*, 182-183, Bruxelles, outono 2020. p. 1-16.

PETITOT, Jean. Prédiction scientifique et prédiction sémiotique. In: HAMMAD, Manar; BELLOSO, Avila Ivan. "Sémiotique et prospectivité", *Actes Sémiotiques. Bulletin* du GRSL, VII, 32, 1984. p. 10-14.

RASTIER, François. Sémiotique et sciences de la culture. In: HELBO, André (org.). "Sémiotique et propédeutique. I", *Degrés*, 184-185, Bruxelles, primavera 2021, c1-13.

RENTIER, Bernard. Le choix des mots détermine la perception des dangers et le choix des stratégies [online]. 26/07/2020. Disponible en: <https://bernardrentier.wordpress.com> .

---

## Covid 19: the virus and its semiotic variants

 BERTRAND, Denis

 DARRAULT-HARRIS, Ivan

**Abstract:** The reflection proposed here starts from the upheavals caused by the Covid 19 epidemic to try to understand whether they generate a paradigmatically distinct "world according to". Thus are studied the floating of the genre, the dissemination of the Sender, the proliferation of variants of the Anti-subject. But it is above all the truthful crisis and the disappearance of certainties that marks the emergence, perhaps, of an alternative subculture to that which preceded the onset of the epidemic. More precisely, we examine the radical transformation of proxemic relations, the modifications due to the wearing of the mask on the phatic quality of the interaction. But, in spite of imposed re-categorizations, this epidemic could provoke the resurrection of Humanity, collective actantial unit unanimously engaged, within a new culture and a new narrative, in the fight against a far more dangerous enemy threatening the world, that of climate change.

**Keywords:** culture; covid 19; narrativity; ethosemiotics.

---

### Como citar este artigo

BERTRAND, Denis; DARRAULT-HARRIS, Ivan. Covid-19: o vírus e suas variantes semióticas. Trad. Gabriela Santos Silva e Mariana Luz Pessoa de Barros. *Estudos Semióticos* [online], volume 17, número 2. Dossiê temático: "A semiótica e a cultura". São Paulo, agosto de 2021. p. 321-339. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Acesso em: dia/mês/ano.

---

### How to cite this paper

BERTRAND, Denis; DARRAULT-HARRIS, Ivan. Covid-19: o vírus e suas variantes semióticas. Translated by Gabriela Santos Silva and Mariana Luz Pessoa de Barros. *Estudos Semióticos* [online], vol. 17. 2. Thematic issue: "Semiotics and culture". São Paulo, august 2021. p. 321-339. Retrieved from: <[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Accessed: month/day/year.

---

Data de recebimento do artigo: 20/05/2021.

Data de aprovação do artigo: 30/06/2021.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.  
This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 License.

